



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

A INTERCULTURALIDADE ENTRECRUZADA COM CULTURA AFRO-BRASILEIRA: DIÁLOGOS E EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Lilia Corrêa Amorim de Souza¹

Ana Paula Vieira Camargo²

Maria Margarida Barbosa de Sá Santos³

Patrícia Bernardi Rockenbach⁴

Resumo: Trata-se de uma prática de extensão realizada na Disciplina Educação e Interculturalidade do Curso de Licenciatura Especial Inclusiva do Programa Parfor — pela Universidade Federal de Rondonópolis. O estudo ‘A interculturalidade entrecruzada com a cultura Afro-brasileira: Diálogos e Experiências no Ensino Fundamental I’ visa promover ressignificação de práticas educativas por meio da efetivação de um projeto didático-pedagógico que contemple a diversidade da cultura afro-brasileira em diferentes conteúdos escolares, entrelaçando-se à interculturalidade como forma de reconhecer a dimensão cultural dos povos africanos. A metodologia baseou-se na pesquisa-ação, na qual três professoras efetivas e graduandas do Parfor sistematizaram um projeto didático explorando, por meio das diversas áreas do conhecimento, as contribuições culturais, sociais e históricas da cultura afro-brasileira na construção da identidade brasileira. O público-alvo da pesquisa foram duas turmas das séries iniciais — 1º e 2º anos —, nas quais foram realizadas rodas de conversa, atividades orientadas, brincadeiras de origem africana, produção artística e uma tarde cultural, a fim de promover práticas interculturais que viabilizem o respeito, o diálogo e o reconhecimento das diferenças.

Palavras-chave: Cultura Afro-Brasileira; Interculturalidade; Ensino Fundamental I.

INTRODUÇÃO

O interesse pela escrita do artigo surge da realização da prática de extensão proposta na disciplina de Educação e Interculturalidade do Curso de Educação Especial Inclusiva do Programa do Parfor- SLEEI. Nesse sentido, a aplicação do trabalho promoveu profundas reflexões teórico- pedagógicas e impactos positivos na desconstrução de mentalidades preconceituosas e excludentes em relação à cultura afro-brasileira. Desse modo, o estudo contribui não apenas para a formação cultural dos estudantes em processo de construção da

¹ Graduanda pela Universidade Federal de Rondonópolis-MT do Curso Licenciatura em Educação Especial Inclusiva pelo Programa Parfor, também pós graduanda do Programa de Mestrado em Educação pela UFR. E-mail: lilia.amorim@aluno.ufr.edu.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6409847644512129>.

² Graduanda pela Universidade Federal de Rondonópolis-MT do Curso Licenciatura em Educação Especial Inclusiva pelo Programa Parfor. Graduada em Pedagogia pela faculdade UNIASSELVI e Pós-Graduada em AEE (Atendimento Educacional Especializado), pelo grupo educacional Faveni. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0761820721512378>. E-mail: anacamargo.net@gmail.com

³ Graduanda pela Universidade Federal de Rondonópolis-MT do Curso Licenciatura em Educação Especial Inclusiva pelo Programa Parfor. Mestre em Educação Inclusiva pela Universidade Federal de Mato Grosso. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8950326819739224>. E-mail: margaridabsantos@hotmail.com.

⁴ Mestre em Educação PPGEdu/UFMT/Campus de Rondonópolis. Pós-Graduada em Análise do Comportamento pela FAVENI. Graduada em Psicologia pela UFMT/Campus Universitário de Rondonópolis. Atualmente, Psicóloga Clínica e Professora Substituta na área de Análise do Comportamento na Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). E-mail: patriciabernardipsi@gmail.com.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

personalidade crítica, como também para a ressignificação de práticas educativas tradicionais que não dialogam com os aspectos culturais existentes no chão da escola.

De acordo com Candau (2012), não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Partindo desse pressuposto, entende-se que em um país como o Brasil, onde situam-se diferentes sujeitos sociais, a educação não pode estar enraizada em um ensino monocultural e excludente. Nesse contexto, ressignificar as práticas educativas concebendo-as como ferramenta de transformação social, de combate a todas as formas de exclusão (social, étnica, religiosa, econômica, cultural dentre outras), é de suma relevância para efetivação de uma educação mais justa, acolhedora e democrática. Portanto, o trabalho sinaliza novas percepções a partir da interculturalidade, provocando um repensar do fazer pedagógico e colocando a cultura como eixo central para compreensão da identidade cultural brasileira. Por isso, o objetivo pauta-se na sensibilização e valorização da cultura afro-brasileira tão presente nas distintas formas de ser, saber e poder do sujeito da escola pública, mas diária e paulatinamente invisibilizada por práticas hegemônicas e um currículo eurocêntrico. Assim, materializar um trabalho nessa perspectiva é fundamental para a transformação do espaço escolar e dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

METODOLOGIA

O percurso metodológico da prática de extensão baseia-se na pesquisa-ação que, segundo Gil (2007), demanda da estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, no qual os investigadores são participantes da situação ou estão envolvidos de modo participativo ou cooperativo. Nesse ínterim, a prática ocorreu com os alunos do 1º e 2º ano do ensino fundamental, por meio de uma sequência didática que contemplou as disciplinas de Língua Portuguesa/Ciências/História/Geografia/Ensino Religioso e Ensino das Artes. Logo, foi trabalhado com leitura da fábula africana “O macaco e o peixe”; gênero Textual-Jornal com notícia principal sobre “escravos fugitivos” com intuito de possibilitar atenção, leitura e reflexão. Em Geografia/História, roda de conversa acerca da localização do continente africano com ilustrações de mapas e com a visualização do filme “Kiriku e a feiticeira Karabá”, a fim de apresentar a cultura africana, a luta pela liberdade e resistência dos povos africanos. Ademais, trabalhou-se, em Ciências, a influência da cultura africana na



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

culinária brasileira, exigindo em outro momento uma degustação dos sabores. Além das atividades pedagógicas, a produção artística de pratos de papel sobre a cultura africana e a brincadeira africana Terra/Mar também fizeram parte da composição de atividades realizadas na sequência didática. Dessa forma, abordagem de pesquisa da prática de extensão centra-se na qualitativa, pois, conforme Minayo (1994), trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo, dos processos, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Chagas (2017), os conteúdos sobre História e cultura afro-brasileira e africana podem ser ensinados em qualquer etapa da educação, usando diferentes abordagens. Para o autor, o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na escola básica vai muito além de discutir o preconceito racial. Nesse cenário, a prática de extensão foi implementada no planejamento diário das professoras, considerando as habilidades e objetivos de aprendizagem propostas pela grade curricular da escola. Dessa forma, implementou-se de maneira interdisciplinar a temática nas abordagens dos conteúdos estudados durante a semana como será explicitado abaixo.

Na primeira aula de Língua Portuguesa, realizou-se a leitura deleite da fábula “O macaco e o peixe”, convidando os alunos para reflexão sobre o desconhecimento do macaco em relação ao peixe. Utilizou-se as inferências textuais, tais como: o macaco ajudou o peixe ao tirá-lo da água? O peixe consegue viver fora da água? O que aconteceu com o peixe? E o macaco percebeu o que realmente aconteceu? Ratifica-se, neste cenário, que a reação dos alunos foi de compreensão do ocorrido. Eles expressaram afirmações como: “não se pode julgar, sem conhecer outro” “coisas ruins acontecem quando julgamos o outro”.

Nesse panorama, nota-se que, mesmo em processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, os alunos já constroem valores e princípios éticos por meio da leitura e da vivência lúdica. Eles são capazes de interpretar e formar opiniões acerca das historinhas das quais têm contato. Nesse ínterim, a atividade realizada denota a importância de construir um currículo sob orientação intercultural, de perceber os conflitos culturais existentes entre os estudantes e a manifestação de fenômenos de preconceito e racismo que se impõe nas relações



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

cotidianas. Portanto, a contação de história nas séries iniciais torna-se um ponto de partida para pensar e problematizar questões acerca das diferenças culturais, de raça, de religião, de gênero dentre outras.

Em segundo momento, ainda na aula de Língua Portuguesa, foi explorado o gênero textual “jornal”, com foco na compreensão de manchetes e palavras-chave. Assim sendo, a didática utilizada combinou leitura, discussão e produção textual. Nesse sentido, os alunos realizaram leitura e interpretação da manchete de 1888 — Escravos fugitivos do Brasil, instigando-os para compreensão do assunto e entendimento do gênero. Aqui, cabe ressaltar o quanto importante considerar os conhecimentos prévios dos alunos e construir sistematicamente novos conhecimentos necessários à compreensão da temática de forma dialógica e com escuta pedagógica.

“Ainda bem professora que hoje não tem mais a escravidão!” (aluna do 1º ano do Ensino Fundamental).

“Que sorte essas pessoas têm, porque hoje não são escravas!” (aluno do 2º ano do Ensino Fundamental).

Sob essa perspectiva, argumenta-se que a intervenção docente é fundamental para desconstruir mentalidades criadas a partir de uma cultura dominante e excludente, buscando criar novas visões de ver o outro e o mundo a partir da alteridade estabelecida entre o eu e o outro. Para Candau (2012), a formação histórica brasileira está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravidão que também é uma forma violenta de negação da sua alteridade. Nesse contexto, trabalhar com as crianças a leitura da fábula e o gênero textual “jornal” constituiu-se um fator relevante para instigá-los a pensar em atitudes desumanas históricas que ainda permeiam em nossos contextos e invisibilizam sujeitos, culturas e espaços.

Outro aspecto a destacar, trata-se da aula de História/Geografia dos quais os conteúdos iniciados tiveram como foco a localização geográfica da África e a presença da cultura africana no Brasil. Em paralelo a isso, apresentou-se o mapa mundi, procurando evidenciar o continente Africano. Na sequência, os alunos pintaram o mapa e colaram figuras relacionadas à África. Essa atividade, além de informativa, foi muito interativa, estimulando a criatividade e a



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

curiosidade dos alunos.

Em decorrência disso, ocorreu ainda uma segunda etapa da aula de Geografia/História, a exibição do filme “Kiriku e a Feiticeira Karabá”. O filme traz uma abordagem alicerçada na resistência e na luta por liberdade de uma tribo africana representada por um menino de nome Kiriku. Após o filme, houve uma roda de conversa com o intuito de reflexão sobre coragem, liderança e respeito expressados no filme. Desse modo os alunos participaram ativamente, compartilhando suas impressões sobre o filme e conectando os temas com suas vivências de acordo com as ilustrações a seguir.

Figura 1 — Atividade do continente africano



Fonte: Prática de Extensão, 2024

Figura 2 — Estudantes assistindo ao filme



Fonte: Prática de Extensão, 2024

Com efeito, uma questão que se problematiza na execução das atividades citadas é justamente a forma dinâmica de diálogos culturais como possibilidade de construir novas



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

personalidades, novos sujeitos e novos saberes. Diante disso, para Candau e Moreira (2003), não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, em que a referência cultural não esteja presente. Por conseguinte, a escola, segundo os autores, precisa ser mais que transmissora da cultura, também ser concebida como espaço de cruzamento, conflitos e diálogos entre culturas.

A terceira demanda da prática de extensão centra-se na área da disciplina de Ciências, discute-se em sala de aula a origem da feijoada como uma contribuição da culinária africana. Nesse contexto, após breve explicação e escuta pedagógica houve construção de listas de alimentos de origem africana conhecidos pelos alunos. Logo, como prato principal trabalhou-se a feijoada, por meio de uma história por trás dessa iguaria, leitura dos ingredientes da feijoada e escrita dos alimentos que gostavam ou não gostavam presentes no prato típico. Cabe ressaltar, que o prato de feijoada é um alimento comum para a maioria dos estudantes, isso tornou a aula mais interessante para eles, ao descobrirem a origem da feijoada e posteriormente trazerem este prato em forma de caldo para a tarde cultural.

Conforme Chagas (2017), os valores da cultura africana estão presentes naquilo que os brasileiros são e fazem. No entanto, a escola nem sempre reconhece essa influência. Tal situação ocorre por diversos motivos, como o afastamento entre a escola e a comunidade ao seu redor, a dificuldade de acesso dos professores a materiais didáticos sobre História e cultura afro-brasileira e africana, além da formação profissional que receberam, muitas vezes centrada em uma visão eurocêntrica. Considerando esse pensamento, espera-se que, a partir da atividade realizada, promovam-se rupturas na forma de pensar e agir engessado por práticas que não reconhecem as influências africanas e nem contextualizam-as.

Nessa conjectura, a formação de professores precisa imprimir essa compreensão de reconhecimento da dimensão cultural a partir da perspectiva de interculturalidade que, segundo Candau e Oliveira (2010), não se restringe a mera inclusão de conteúdos interculturais, mas requer uma nova concepção de educação, pautada no diálogo com as diferenças, construindo uma educação mais acolhedora, inclusiva e democrática. Ademais, trabalhar conteúdos da cultura africana alicerçado na Lei 10.639/2003, exige assumir uma postura epistemológica fundamentada em uma educação que reconhece a História e busca por meio das práticas educativas superar as contradições dessa realidade. Dessa forma para Candau e Russo (2010),



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

o desafio que se coloca, neste sentido, é desvelar, desconstruir os estereótipos raciais e a visão do “racismo cordial” presente nas sociedades latino-americanas.

No panorama das disciplinas de Ensino das Artes e Ensino Religioso, ressaltou-se a importância da valorização da cultura negra, apresentando vídeos sobre danças afro-brasileiras (capoeira e samba), estimulando os alunos a participar de uma roda de movimentos com músicas rítmicas e da brincadeira africana Terra/Mar. As atividades foram dinâmicas e divertidas, permitindo que as crianças se expressassem corporalmente e explorassem a musicalidade.

No segundo momento, os alunos da turma do 2º ano criaram máscaras africanas, a confecção foi feita em pequenos grupos, promovendo colaboração e troca de ideias. E os alunos do 1º ano, fizeram pintura em pratos de papel sobre o continente africano. Cabe destacar que em ambas atividades demonstraram interesse em aprender sobre os significados culturais das máscaras e gostaram de explorar pinturas e formas de criação artística na pintura dos pratos de papel.

Figura 3 — Confeção de máscaras africanas



Fonte: Prática de Extensão, 2024

Figura 4 — Pintura sobre a África em prato de papel



Fonte: Prática de Extensão, 2024



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

A prática de extensão desdobrada nos conteúdos interdisciplinares proporcionou aos envolvidos no processo o entendimento acerca das diferenças valorizando a mim e aos outros carregados de herança ancestrais. Sendo assim, trabalhar a interdisciplinaridade e a inclusão de conteúdos sobre História e cultura afro-brasileira e africana é essencial para qualquer etapa do ensino fundamental, pois cria-se oportunidades para que estudantes desenvolvam novas visões sobre a África, os africanos e as culturas que esses povos ajudaram a construir no Brasil.

Outrossim, para Chagas (2017), é urgente repensar que embora seja obrigatório por lei ensinar História e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de educação básica, esse tema muitas vezes não está presente no dia a dia das salas de aula, ficando de fora do currículo escolar. Dessa forma, para Sacristán (1995), precisamos nos apoiar na esperança que se possa modificar os mecanismos dominantes na escola, a qual tende a normalização e assimilação à cultura dominante.

Em razão disso, a proposta de extensão reflete a necessidade de efetivar práticas interculturais e antirracistas, pois falar da África é falar de grupos inferiorizados e denunciar a discriminação e racismo ainda presente na sociedade. Além disso, a troca sistematizada de saberes entre as professoras e os estudantes contribui na discussão do currículo escolar, exigindo uma reavaliação curricular que faça jus às leis já existentes sobre a cultura africana e dos povos originários. Dessa forma, discorre que mesmo que a educação básica esteja atravessada por políticas que pressupõem uso exacerbado de material didático, o acesso de plataformas digitais, é possível por meio da interdisciplinaridade efetivar formas e processos educativos que ressaltam a cultura como eixo temático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo da prática de extensão, que foi apresentar aos estudantes a diversidade na cultura afro-brasileira em diferentes conteúdos escolares, é relevante dizer que este estudo possibilita relevantes reflexões quanto à inserção da temática da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, discutir sobre cultura é valorizá-la, pois não se pode permitir que a História da população negra seja contada somente de forma pejorativa e negativamente. Ademais, segundo Sacristán (1995), ratifica-se a importância de problematizar a escola como espaço de acolhimento da diversidade existente.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Em paralelo a isso, buscou-se enfatizar a valorização do outro, contextualizando junto à história de grupos subalternizados pela escravidão e resquícios do que restou dela. Assim sendo, foi instigado por meio da prática intercultural, um novo olhar para a beleza existente na cultura afro-brasileira e procurou-se sensibilização para a importância do reconhecimento às diferenças existentes entre os diferentes sujeitos, reconhecê-la como direito de igualdade.

Outro ponto relevante da proposta foi a didática utilizada no projeto, combinou momentos de leitura, conversas reflexivas, atividades práticas e artísticas, além do uso de recursos audiovisuais. Essa abordagem diversificada permitiu que os estudantes se conectassem com os temas de forma lúdica e significativa. A participação foi muito positiva, com os estudantes engajados em todas as etapas. Eles demonstraram curiosidade, respeito e vontade de aprender sobre a cultura africana e afro-brasileira.

A proposta da prática intercultural, alcançou os objetivos elencados, ao promover a valorização da diversidade cultural e histórica da África e de sua influência na formação da sociedade brasileira. Outrossim, as atividades foram bem recebidas pelos estudantes, que mostraram um entendimento ampliado sobre respeito, inclusão e heranças culturais. A culminância cultural destacou o sucesso do projeto e reforçou a importância de práticas pedagógicas voltadas à interculturalidade. Desse modo, acredita-se que é possível implementarmos as discussões interculturais no chão da escola de forma consciente, não limitando-se apenas à data do dia 20 de novembro e/ou usando da obrigatoriedade da Lei 10.639/03, do parecer CNE/CP 03/2004 e da resolução CNE CP 01/2004, para realizar práticas pedagógicas voltadas para a diversidade étnico-racial.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CANDAU, V. M. F.; RUSSO, K. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

CANDAU, V. M. F.; OLIVEIRA, L. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

da Paraíba. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 79-98, jan./mar. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENO SACRISTÁN - Currículo e Diversidade. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. B. (Orgs.). **Territórios contestados**. O currículo e os novos mapas políticos e culturais. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 82-113.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. n. 23, maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.